

## *Henri Lefebvre, decifrador do espaço: pequena apresentação bio-bibliográfica*

*Henri Lefebvre, space decoder: a small bio-bibliographic presentation*

*Henri Lefebvre, descifrador del espacio: pequeña presentación bio-bibliográfica*

Rodrigo Fernandes  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
rodrigogeo77@gmail.com

---

### **Resumo**

O artigo em tela apresenta uma narrativa que contextualiza e articula a vida e a obra do filósofo e sociólogo francês Henri Lefebvre (1901-1991). Mesmo calcado em apontamentos breves e pontuais, acreditamos que um texto dessa natureza cumpre parte da função – um tanto negligenciada pelos acadêmicos brasileiros – de esclarecer as circunstâncias em que nasceram alguns dos *insights* socioespaciais desse pensador. Reflexões inovadoras que desde os anos 1970 têm-se revelado importantes ferramentas de observação, análise e decifração do espaço, esse conceito-chave da ciência geográfica. Pois, consideramos que a “datação” e “localização” das *démarches* lefebvreanas, ou seja, sua subordinação à um *zeitgeist* específico, por certo nos ajuda a compreendê-las, refiná-las e por fim aplica-las de modo mais apropriado.

**Palavras-chave:** Henri Lefebvre. Biografia. Bibliografia. Geografia humana. Espaço.

---

### **Abstract**

The article on screen presents a narrative that contextualizes and articulates the life and work of the french philosopher and sociologist Henri Lefebvre (1901-1991). Brief and punctual notes, we believe that a text of this nature fulfills part of the function - somewhat neglected by brazilian academics - of clarifying the circumstances in which some of the insights were born. Innovative reflections that since the 1970s have proved to be tools for observing, analyzing and deciphering space, this key concept of geographic science. So, considering that the “dating” and “location” of lefebvrean *démarches*, that is, their subordination to a specific *zeitgeist*, certainly helps us to understand, refine, and finally use them more appropriately.

**Keywords:** Henri Lefebvre. Biography. Bibliography. Human geography. Space.

---

### Resumen

El artículo en lienzo presenta una narrativa que contextualiza y articula la vida y obra del filósofo y sociólogo francés Henri Lefebvre (1901-1991). Incluso a partir de notas breves y puntuales, creemos que un texto de esta naturaleza cumple parte de la función – un tanto descuidada por los académicos brasileños – de esclarecer las circunstancias en las que nacieron algunas de los *insights* socioespaciales de este pensador. Reflexiones innovadoras que desde la década de 1970 han demostrado ser importantes herramientas para observar, analizar y descifrar el espacio, este concepto clave de la ciencia geográfica. Pues bien, consideramos que la “datación” y la “ubicación” de las gestiones lefebvreanas, es decir, su subordinación a un *zeitgeist* particular, ciertamente nos ayuda a comprenderlas, afinarlas y, finalmente, utilizarlas de forma más adecuada.

**Palabras clave:** Henri Lefebvre. Biografía. Bibliografía. Geografía humana. Espacio.

---

### Introdução

Como ponto de partida é dever nosso esclarecer que esse artigo possui natureza meramente introdutória. Ao escrevê-lo visamos somente apresentar ao leitor – na forma de análise de sobrevoos – elementos acerca da vida e da obra do filósofo-sociólogo francês Henri Lefebvre. Contudo, a despeito de sua brevidade, tal texto responde à uma demanda significativa.

Por ocasião da pesquisa empreendida para redação de nossa tese de doutorado – que fez uso das abordagens lefebvreanas sobre o espaço como principais esteios teórico-metodológicos – nos deparamos com um sensível déficit de informações relacionadas à biografia de Henri Lefebvre em língua portuguesa. À essa lacuna inclui-se erros crassos. Em um dos artigos acessados – texto, aliás, usado e reusado como referência em diversos escritos – trocou-se a cidade natal e a data do nascimento de Lefebvre com as de sua morte. Omissão e desleixo que sugerem que tais informações teriam uma importância marginal.

Ora, toda obra é filha da biografia de seu autor e a ela está subordinada. Defendemos, então, que o desgarramento entre a vida e obra dos indivíduos é uma ilusão. Embora seja corriqueiro do juízo acadêmico a separação entre pensamento e pensador, acreditamos que refinamentos purificadores a favor de isenções e objetividades podem funcionar pelo avesso: empobrecendo tanto o entendimento das motivações do pensador quanto o de sua obra. Sofre também a compreensão do tempo e do espaço dos quais os autores são atores, protagonistas ou coadjuvantes.

Esta conclusão ganha alturas quando tratamos de um intelectual como Henri Lefebvre, que muito vivenciou seu tempo e muito investiu na compreensão dos espaços – sejam eles urbanos ou rurais, ordinários ou monumentais – para neles atuar de forma crítica. Vida que é obra, obra que espelha a vida. *Segundo Henri Lefebvre...* Sim, mas quem foi Henri Lefebvre? Não deixemos essa pergunta subentendida.

## Vida, pensamento, tempo e espaço

Henri Lefebvre veio ao mundo sob o signo zodiacal de gêmeos, em 16 de junho de 1901, em Hegetmau, pequena vila no sudoeste da França. Nesse mundo rural com fortes raízes católicas, o futuro *aventurier du siècle* (HESSE, 1988) permanece até a adolescência. É quando uma série de enfermidades o fazem abandonar o curso preparatório para a escola politécnica – desejava ser marinheiro, engenheiro naval – e mudar-se para Aix-en-Provence. Deslocamento geográfico que fará toda diferença em sua trajetória. É nessa cidade universitária, com ares propícios para a cura, que o jovem Henri Lefebvre se interessa pelo estudo da filosofia (HESS, 1988, pp. 32-34).

Em 1919, entre a prática do piano – Bach, Beethoven e Schumann o atraem – e leituras profundas de Nietzsche e Spinoza, Lefebvre obtém seu diploma em filosofia pela Sorbonne Université. Cinco anos depois cria a revista *Philosophies*, publicação que reúne jovens pensadores insatisfeitos com o cenário filosófico na França pós-I-Guerra-Mundial. Georges Politzer, Georges Friedmann, Norbert Guterman, Pierre Morhange e o trágico Paul Nizan fazem parte do grupo. Por essa época, Lefebvre também mantém contato com os poetas surrealistas André Breton, Paul Éluard, Louis Aragon, Max Jacobs e Tristan Tzara, esse último um dos fundadores do movimento Dadá (GUTIERREZ, 2011/2012, p.9). Aqui se delineava uma das marcas registradas do livre-pensador Henri Lefebvre: a crença de que a poesia e a filosofia, juntas, podem explicar e transformar a sociedade. *L'Esprit* – revista fundada por ele em 1926 – é uma expressão dessa fé.

Em abril desse mesmo ano o filósofo vê-se forçado a prestar serviço militar no Marrocos e em seu retorno, um ano depois, torna-se motorista de taxi em Paris. Época intensa. Com aberturas, surpresas, descobertas. “Um grande volume não pode conter as aventuras e desventuras desse filósofo-taxista existencialista” (LEFEBVRE, 2003b [1946], p.7). Ele se recorda, em terceira pessoa:

O submundo de Paris descortinou-se diante dele em toda a sua variedade desprezível e ele começou a descobrir os segredos de seus bordéis, pardieiros e casas de aposta, salões de dança (para brancos e negros), hotéis de luxo e bares engordurados, negociantes suspeitos, pederastas de alta e baixa classe, apostadores, assaltantes e esquadrões da polícia. Mergulhava em algumas profundezas malcheirosas da “existência” e o que trazia de lá poderia enviar aos neo-existencialistas do Café Flore com prazer. Mas com que propósito? Apenas recordar do contato com uma realidade infinitamente mais preciosa e mais comovente: a vida do povo de Paris. (LEFEBVRE, 2003b [1946], p.7. a tradução é nossa).

A vivência das ruas parisienses, misto de aventura intelectual e meio de sobrevivência, terá sensível impacto em suas futuras ponderações sobre a vida cotidiana e o espaço urbano (HESS, 1988, p.71), mas esse desvelamento radical será uma experiência breve. Uma noite, após dirigir por mais de quinhentos quilômetros, Lefebvre

dorme ao volante e sofre um grave acidente que o deixa traumatizado – “por anos eu não conseguia entrar em um carro sem tremer e tremer” (LEFEBVRE, 2003b [1946], p.7) – e o reconduz à atividade política. Em 1928 adere ao Partido Comunista Francês (PCF), ainda que não se considere um comunista de fato.

O que se entende por 'comunista', em 1940, em 1950? Que demagogia, ou, que invenção! Que mistificação! Não conheço nenhum comunista fora de uma sociedade comunista, sobre a qual nada posso dizer, por que essa ainda não existe. (LEFEBVRE, 2003a [1959], p.231).

Nesse mesmo ano lança, com o tradutor Nobert Guterman, seu mais prolífico e longo colaborador, a revista *La Revue Marxiste*, primeira publicação francesa de caráter eminentemente marxista. É um período de intensa militância, principalmente na forma do estudo, da tradução e da difusão dos pensamentos de Lênin, Engels, e, sobretudo, Marx (GUTIERREZ, 2011/2012, p.9.). Lefebvre será o responsável pelas primeiras traduções desses e outros autores na França. Uma lista que inclui, ainda, Georg Hegel e Friedrich Nietzsche, titãs do pensamento ainda pouco conhecidos na Europa entreguerras.

Tradutor, comentador e difusor de autores “radicais”. Eis um dos papéis que Henri Lefebvre assumirá por toda sua trajetória, sem arrefecimentos. “O mundo moderno é hegeliano. O mundo moderno é marxista. O mundo moderno é nietzschiano” (LEFEBVRE, 1988 [1975]. pp. 1-2), decreta categoricamente em *Hegel, Marx, Nietzsche ou lo riyoume des ombres*, volume de 1975. Sem a reflexão intermediada por esses pensadores, sustenta, não há entendimento crítico da sociedade, e, conseqüentemente, fagulha sequer de mudança.

Por volta de 1935 descobre os escritos da Escola de Frankfurt e concebe mais uma revista, *Avant-Poste*. O livro, *La conscience mystifiée* – nova parceria com Guterman – vem a lume no ano posterior. Nesse ínterim, atento ao clima belicista que toma conta da Europa, Lefebvre assina dois artigos denunciando o crescente fascismo: *La nationalisme contre les nations* (1937), e *Hitler au pouvoir: les enseignements de cinq années de fascisme* (1938). Seu pessimismo – “o momento da catástrofe se aproxima” escreve ele profético e temeroso em uma carta em janeiro de 1936 (MERREFIELD, 2006, p.30) – se confirma. Em 1941, com a França ocupada pelos nazistas, Henri Lefebvre tem o registro de professor suspenso. Junto com os judeus e maçons, os comunistas, com ou sem aspas, são as principais vítimas das leis draconianas do infame Regime de Vichy (1940-1944).

Sabe-se que em 1941 Lefebvre deixa Paris e parte para Marselha onde atua como espião para a Resistência Francesa. Dali se refugia no Vale do Campan, na região dos Pirineus. Suas atividades nesse período são nebulosas, embora pareça certo que ele tenha se ocupado mais como teórico e escritor do que como combatente (ELDEN, 2016, p.10). De toda forma, o tempo passado nessa região rural será utilíssimo para as pesquisas que darão origem à sua tese de doutorado sobre o mundo campesino. Ao fim

do conflito, Lefebvre é reincorporado ao sistema educacional francês e junto às aulas que ministra na Escola de Guerra, ocupa o cargo de diretor cultural da estação *Radio-diffusion française* (RDF) de Toulouse.

O período do pós-guerra encontra esse autodenominado filósofo-sociólogo<sup>1</sup> em atividade febril. Além de artigos para o *Les Cahiers internationaux de sociologie*, Lefebvre escreve os livros *L'existentialisme* (1946) e *Logique formelle, logique dialectique* (1947). Também em 1947 lança *Descartes*, primeiro volume de uma série sobre os grandes literatos franceses – *Diderot* (1949), *Pascal I* (1949), *Pascal II* (1954), *Musset* (1955) e *Rabelais* (1955), completam a coleção. É, porém, *Critique de la vie quotidienne I: Introduction* (1947) que atrai a atenção da intelectualidade da época.

Redigido entre agosto e dezembro de 1945 e publicado dois anos depois, este ensaio sinaliza a urgência de novos paradigmas políticos e culturais em um ocidente que se renovava por meio da destruição. Para Lefebvre, as marcas do fracasso da racionalidade moderna são cruentos: duas guerras mundiais, o fascismo, o nazismo, o stalinismo, os campos de concentração, os *gulags*, o holocausto, a chacina atômica.

De fato, a partir da segunda década do século XX, paradigmas filosóficos, culturais e sociais são postos em xeque ao mesmo tempo em que o cenário geopolítico se polariza de maneira extrema (COSTA, 1991). Mudanças e tensões que marcam um novo sentido de história a suceder a modernidade positivista, que naufraga. David Harvey (2008 [1989], p.23) resume esse receituário fracassado:

O domínio científico da natureza prometia liberdade da escassez, da necessidade e da arbitrariedade das calamidades naturais. O desenvolvimento de formas racionais de organização social e modos racionais de pensamento prometia a libertação das irracionalidades do mito, da religião, da superstição, liberação do uso arbitrário do poder, bem como do lado sombrio da nossa própria natureza humana. Somente por meio de tal projeto poderiam as qualidades universais, eternas e imutáveis de toda humanidade ser reveladas.

Ainda segundo Harvey, o ideal de progresso e racionalidade a qualquer custo se encontrava fadada “a voltar-se contra si mesmo e transformar a busca da emancipação humana num sistema de opressão universal em nome da libertação humana. A ânsia por dominar a natureza envolvia o domínio dos seres humanos” (HARVEY, 2008 [1989], pp.23-24). Com as falha dos modelos de revolução – umas “escolas de tiranos” (CIORAM, 1994 [1960]) – e o esgotamento das grandes narrativas, é preciso formas

---

<sup>1</sup> Rémi Hess endossa essa definição e situa Henri Lefebvre como um filósofo atraído por temas caros à sociologia: “Do ponto de vista teórico, o Lefebvre sociólogo nunca quis romper com o Lefebvre filósofo. Ele fez um grande esforço para introduzir a análise dialética na sociologia rural, nas questões urbanas, nas questões políticas, na direção política e na análise estratégica”. (HESS, 1988, p.178. a tradução é nossa).

alternativas para “*changer la vie*”, para “*résoudre le problème de l’avié*” (LEFEBVRE, 1947, p.206). Nesse sentido, *Critique de la vie quotidienne*

abre mais uma avenida, que conduz para além da sociologia rural, além da sociologia urbana, e além do pensamento posterior de Lefebvre sobre a produção do espaço: o tema da produção do cotidiano, da revolução como a revolução vida cotidiana. (TREBITSCH, 1991, p.27. a tradução é nossa).

Após um período a advogar a revolução pelo operariado, em *Critique de la vie quotidienne* Henri Lefebvre defende que a Grande Subversão deve transcender o embate socioeconômico. O câmbio do *status quo* não virá dos pátios das fábricas, dos sindicatos e nem das trincheiras guerrilheiras – a “revolução dentro da revolução”, segundo Régis Debray (QUATTROCHI; NAIRN, 1998, p.169). No lugar de se refundar as superestruturas econômicas e políticas, como preconiza o marxismo canônico, Lefebvre conclui que as transformações devem se dar no interior das relações sociais que ocorrem na dimensão sociocultural e ideológica que nos circunda de forma mais próxima, imediata. Uma revolução permanente e imanente a ser produzida e reproduzida no dia-a-dia. Mais do que abolir a propriedade privada, interessa a Lefebvre abolir a privatização da vida.

Na água quase estagnada da vida cotidiana existem miragens, ondulações fosforescentes. Essas ilusões não ocorrem sem resultados, uma vez que alcançar resultados é sua própria razão de ser. Onde está a verdadeira realidade? Onde se passam as mudanças reais? Nas profundezas misteriosas da vida cotidiana! História, psicologia, e a ciência do homem devem tornar-se um estudo da vida cotidiana. (LEFEBVRE, 1947. p. 62. A tradução é nossa).

As meditações sobre a vida cotidiana serão retomadas em *Critique de la vie quotidienne II: Fondements d’une sociologie de la quotidienneté* (1962), *La Vie quotidienne dans le monde moderne* (1968)<sup>2</sup>, *Vers le cybernathrope, contre les technocrates* (1971), *Critique de la vie quotidienne III: De la modernité au modernisme: pour une métaphilosophie du quotidien* (1981) e na coletânea póstuma de ensaios *Éléments de rythmanalyse. Introduction à la connaissance des rythmes* (1992). Obras que sinalizam o afastamento de seu autor do marxismo clássico. Se sua base teórica permanece em Marx, com *Critique de la vie quotidienne*, Lefebvre apresenta uma considerável autonomia de pensamento.

Em 1948 o sociólogo é integrado como pesquisador-chefe no recém-constituído Centre National de la Recherche Scientifi (CNRS) e em 1954 recebe o título de doutor em letras pela pesquisa sobre a sociedade rural do Vale do Canpam, nos Pirineus Franceses. Sua tese, publicada nove anos depois com o título *La Vallée de Campan*,

---

<sup>2</sup> Publicado no Brasil como *A vida cotidiana no mundo moderno* (Ática, 1991).

études de sociologie rurale (1963)<sup>3</sup> tem a metodologia dialética incensada por Jean-Paul Sartre, filósofo com quem Henri Lefebvre trocara farpas brutas por ocasião do lançamento de *L'Existentialisme* (1946). A despeito das críticas de Lefebvre a esta obra – e ao próprio existencialismo – Sartre, não lhe poupará elogios.

Foi um marxista, entretanto, Henri Lefebvre, que deu um método, na minha opinião, simples e irreprochável para integrar a sociologia e a história na perspectiva da dialética materialista (...) A este texto tão claro e tão rico, nada temos a acrescentar senão que este método, com sua fase de descrição fenomenológica e seus duplos movimento de regressão e depois progressão, nós o cremos válido – com as modificações que podem me impor seus objetos – em *todos os domínios da antropologia*. (SARTRE, 1973 [1957], p.140. itálicos do autor).

Saudado por sua originalidade, Henri Lefebvre não aceita a “paternidade” da metodologia. Em suas palavras,

Jean Paul Sartre decidiu em sua *Crítica da razão dialéctica* tomar um dos artigos aqui reproduzidos (dedicado, concreta, ainda que modestamente, às questões campesinas e de sociologia rural) como primeiro modelo (metodológico) de um procedimento “progressivo-regressivo” que integra a sociologia e a história em uma perspectiva dialética.

O texto citado por Jean-Paul Sartre infelizmente é demasiado curto. Data de uma época em que para todas as partes (tanto pelo lado “capitalista” como pelo lado “socialista” e “comunista”) se exercia um terrorismo implacável. Para evitar a pressão, não havia outra alternativa senão prolongar o pensamento de Marx sem citar a fonte. Procedimento “analítico-regressivo”? É o preceito formulado por Marx quando declara que o homem explica o macaco, e o adulto o menino; que o presente nos permite entender o passado e as sociedades capitalistas anteriores, por que *esmiúça* as categorias essenciais destas. Assim, a renda da terra capitalista nos permite compreender a renda feudal, as rendas do solo na Antiguidade etc. (LEFEBVRE, 1978 [1970], p.16, 17. itálicos do autor).

Posteriormente, Henri Lefebvre aprofunda suas reflexões campesinas em viagens por regiões rurais da França, Itália e México. Périplo no qual tem contato com as contradições desse meio e entende que com a crescente industrialização, a dominação da cidade sobre o campo é apenas uma questão de “quando?”.

O que Lefebvre observa é somente o fim do processo iniciado no século XVIII com a Revolução Industrial e intensificado nos anos, décadas e séculos posteriores. A

---

<sup>3</sup> A edição brasileira, *O Vale de Canpam: estudo de sociologia rural* (EDUSP) é de 2011.

cidade industrial chega, pois, ao século XX plena de força, som e fúria. Suas fronteiras são vorazes, suas armas são as coisas e as representações da cidade: um sistema de objetos e um sistema valores urbanos sedutores e irresistíveis. Logo o que resta da vida camponesa tradicional não passará de

ilhotas e ilhas de *ruralidade* ‘pura’, torrões natais frequentemente pobres (nem sempre), povoados por camponeses envelhecidos, mal “adaptados”, despojados daquilo que constitui a nobreza da vida camponesa nos tempos de maior miséria e opressão (LEFEBVRE, 2001 [1968], p.19. grifo do autor)

Sobre tal estado de coisas, Williams (1989 [1973], p.192) declara, nostalgicamente, que a perda do velho campo é a perda da poesia. Por sua vez, Lefebvre pontua que frente ao espectro de uma “vida camponesa aprisionada à natureza, à terra sacralizada e cheia de forças obscuras” (LEFEBVRE, 2001 [1968], p.82) a cidade afirma-se como opção “razoável”. Ainda que tais urbes estejam, desde sempre, em estado de crise e contradição. “Flores e privilégios; fumaça de fábricas e democracia” (WILLIAMS, 1989 [1973], p.268) é o que estes espaços podem oferecer. Nesse contexto, Lefebvre se convence de que o potencial revolucionário do mundo rural acaba transferido para as urbes industriais e para lá esse pensador desloca suas meditações espaciais.

A importância da reforma agrária, a questão camponesa, diminui pouco a pouco. As potencialidades (revolucionárias) dos camponeses acabam após alcançar seu ponto culminante na China. Com Fidel Castro e a revolução cubana se lança um último resplendor, um último grito que aviva as esperanças quando já é tarde demais (LEFEBVRE, 1978 [1970], p.8. a tradução é nossa).

A luta, a revolução, se deslocam do campo para a cidade industrial. Esta, sim, possui características e estruturas socioespaciais, que, remodeladas, podem dar origem a uma sociedade renovada, com espaços abertos à fruição, à heterogeneidade. Onde as diferenças são conhecidas, reconhecidas, vivenciadas e postas à prova. *Locus* da ordem e da desordem. Da transparência e do oculto. Do Eros e do Logos. Onde, enfim, acumulam-se todos os conteúdos (LEFEBVRE, 2002 [1970], p. 93).

Em 1957 intensificam-se velhos atritos entre Henri Lefebvre e o Partido Comunista Francês. Sua interpretação do campesinato francês – acusada pelo PCF de ser mais ricardiana que marxista – e sua crítica ao stalinismo (veemente antes mesmo das denúncias do Relatório Khrushchov de 1956), tornam sua presença entre os quadros do Partido impraticável.

O entendimento do PCF do *ethos* social contemporâneo – entendimento absoluto, irredutível, monolítico – não interessa à Lefebvre (HESS, 1988, p.156). Em 1958 ele é suspenso da organização em meio a um processo de caça aos membros menos alinhados com a ortodoxia partidária. Punição que precipita a auto-exclusão do filósofo.

"Saí do partido em 1958 pela esquerda. Enquanto muitos o deixaram pela direita", dirá, irônico (LEFEBVRE in HESS, 1988, p.156. a tradução é nossa).

Essa desfiliação voluntária revela um Lefebvre que se vale do pensamento marxista sem mitificá-lo. O recado: deve-se usar o materialismo histórico e dialético como uma ferramenta de decifração socioespacial, não o contrário. É preciso resistir à tentação fácil de se encarar o espaço como se fosse um receptáculo cristalino onde pode-se observar, qual aquário teórico, todos os pressupostos arrolados pelo pensamento de Marx (luta de classes, modo de produção, força de trabalho, valor de troca, valor de uso, mais-valia, alienação etc.). Marx pode explicar o espaço social, mas não deve o espaço social, instrumentalizado, servir como objeto de validação de Marx.

À medida que se distancia dos dogmas partidários, Lefebvre aproxima-se de grupos intelectuais de vanguarda. Em meados dos anos 1950 trava contato com o COBRA<sup>4</sup>, um coletivo de arquitetos radicais-experimentais, que, como o próprio Lefebvre se recorda “era um grupo extremamente interessante e ativo, que se formou nos anos 1950, e um dos livros que inspirou a fundação do grupo foi o meu *Crítica da vida cotidiana*. Foi por isso que me envolvi com eles desde tão cedo”. (LEFEBVRE, 2018 [1983], p.48).

A rebeldia dos jovens não lhe assusta, ao contrário. Entre 1957 e 1961 ou 1962, Lefebvre adentra o círculo íntimo dos intelectuais da Internacional Situacionista, coletivo que tem Guy Debord, autor de *A sociedade do espetáculo* (Contraponto, 2013 [1967]), como um dos membros. Há entre esses pensadores, todos marxistas, uma fertilização mútua de ideias e juntos passam a explorar de forma inovadora o espaço urbano. Se Lefebvre convoca os situacionistas a pensarem suas ações na escala da vida cotidiana, os situacionistas levam as formulações de Lefebvre a uma espacialização empírica inédita com a *deriva e a criação de situações*. Propostas alternativas para se vivenciar e ocupar as cidades que durante o processo de industrialização perderam suas características mais elementares: ser o local simultaneidade. Espaço do trabalho, mas também, e, sobretudo, da festa (LEFEBVRE, 2001 [1968], p. 125, 128).

Ninguém reparou que o conhecimento da vida social implicava o conhecimento do não-social e do anti-social. A festa é tudo isto, quer utilizando provisoriamente os signos coletivos ou as classificações consagradas. Ela destrói ou abole, em sua vigência, as representações, os códigos, as normas por meio dos quais as sociedades se defendem contra a agressão natural (...) segundo as aparências, a festa atinge aquilo que constitui a finalidade última das comunidades, isto é, um mundo reconciliado, uma entidade fraternal (DUVIGNAUD, 1983, p.69).

Tão radical quanto os radicais, Henri Lefebvre será a “única pessoa ilustre com um papel institucionalizado no mundo cultural com quem os situacionistas aceitaram colaborar” (JAPPE, 2008, p. 96). Para um grupo avesso a toda e qualquer influência

---

<sup>4</sup> COBRA é o acrônimo das cidades onde tal grupo atua: Copenhague, Bruxelas e Amsterdã.

acadêmica, essa afinidade, raríssima, diz muito sobre a posição de influência de Lefebvre. Embora tal convivência tenha sido, nas palavras desse pensador, “uma história de amor que terminou mal, muito mal” (LEFEBVRE, 2018 [1983], p.46). O rompimento vem explosivo, incontornável, com o afastamento de Lefebvre após Guy Debord acusá-lo de lhe plagiar um artigo.

Mesmo a intensa dedicação à cátedra acadêmica – Lefebvre torna-se professor de sociologia na Universidade de Estrasburgo (1961) e em Nanterre, Paris X (1965) – não refreia sua produção intelectual. Dentre os livros concebidos nos anos 1960, destacam-se *Introduction à la modernité* (1962), *Marx* (1964), *Métaphilosophie* (1965) e *Le droit à la ville*<sup>5</sup> (1968), onde o autor analisa agudamente o fenômeno urbano. Tema que será retomado em mais cinco livros: *Du rural à l’urbain* (1970), *La révolution urbaine* (1970)<sup>6</sup>, *La pensée marxiste et la ville* (1972)<sup>7</sup>, *Espace et politique: le droit à la ville II*<sup>8</sup> (1972), *La production de l’espace* (1974).

Podemos falar, nesse ponto, de uma teoria espacial *lefebvreana*? Decerto. Embora teoria não todo sistematizada, ou, antes, sistematizada sob a lógica muito parricular de um filósofo de pensamento polimático e escrita *jazzzy*. O próprio Henri Lefebvre se confessa mais intuitivo que metódico, a trabalhar em estado de “improvisação perpétua” (HESS, 1988, p.179). Como desenvolve seu biógrafo e comentador, Rémi Hess (1988, p.180. o itálico e a tradução são nossos).

Lefebvre possui um método de trabalho bastante irregular, bastante improvisado. Este método de trabalho difere do dos filósofos sistemáticos com uma orientação fixa como Kant ou Spinoza. Lefebvre está convencido de que não é mais possível pensar dessa maneira clássica. É o que ele indica na oposição que constrói entre filosofia e metafilosofia. Para Lefebvre, a tarefa do filósofo não é mais integrar o que se apresenta em um sistema, mas, ao contrário, é submeter o pensamento filosófico ao que surge. É um método? Talvez. Lefebvre prefere falar de *procedimento*.

Procedimento que obedece, no caso da interpretação dos espaços, uma premissa pétrea: a de que os espaços são *produzidos e reproduzidos* por um conjunto de *relações sociais*, que alcançam suas versões mais evoluídas nos espaços urbanos contemporâneos. Outro ponto afirmado e reafirmado pelas leituras lefebvreanas do fenômeno urbano aponta que, para que a cidadania torne-se uma prática real – ao invés de um conceito esgarçado pelo uso excessivo e banal – faz-se urgente a necessidade dos indivíduos

---

<sup>5</sup> Publicado no Brasil como *O direito à cidade* (Centauro, 2001).

<sup>6</sup> Publicado no Brasil como *A revolução urbana* (UFMG, 2002).

<sup>7</sup> Publicado no Brasil como *A cidade do capital* (DP&A, 2001).

<sup>8</sup> Publicado no Brasil como *Espaço e política* (UFMG, 2008).

reapropriarem-se dos espaços (e dos tempos) que lhes foram suprimidos e que só podem ser restituídos através da compra (LEFEBVRE, 2002 [1970], p.163) <sup>9</sup>.

Um dos responsáveis por essa cidade tornada mercadoria, o urbanismo contemporâneo, será um alvo costumaz das críticas de Lefebvre. Críticas de *punch*. Para o pensador essa prática que se arvora arte e ciência, técnica e conhecimento, não passa de uma atividade que “pretende dominar e submeter à sua *ordem* o processo de urbanização, assim como a prática urbana” (LEFEBVRE, 2002 [1970], p.139. *italico* do autor). Urbanismo: a ditadura do ângulo reto a promover o tédio e a neurose. (LEFEBVRE, 2002 [1970], p.94).

A voz de Henri Lefebvre soa dissonante em uma França anestesiada pelo crescimento e pelo otimismo dos anos pós-II-Guerra-Mundial – os chamados *Les trente glorieuses*. Como contextualiza Stanek (2011, p.3. a tradução é nossa),

seus principais livros sobre o espaço foram publicados quando as questões sobre a cidade e o espaço urbano recebiam uma importância sem precedentes na França. Isso ocorre paralelamente à introdução da sociologia urbana crítica na academia, ao grande interesse em métodos qualitativos de pesquisa urbana, ao início das pesquisas arquiteturas, à politização do urbanismo e à simultânea introdução de questões urbanas na política francesa, às mudanças coletivas no planejamento francês do pós-guerra em relação ao conceito das novas cidades e ao afastamento dos conceitos, imagens e critérios cunhados pelas vanguardas arquitetônicas do início do século XX.

Quando o capital e seus interesses passam a orientar os espaços urbanos, transformando, nesse processo, os cidadãos em consumidores desses espaços, ou seja, realizadores da mais-valia necessária à manutenção do capitalismo moderno (LEFEBVRE 2002 [1970], p.143). Quando expressões como *métro*, *boulot*, *bistro*, *mégots*, *dodo*, *zero*<sup>10</sup> tornam-se de uso comum. Então é urgente repensar as relações dos Homens com as cidades e transmutar o urbanismo em uma ferramenta de desalienação. Nesse interim, “direito à cidade”, “centralidade”, “vida cotidiana” e “espaço vivido” são alguns conceitos lefebvreanos que passam a fazer parte das discussões dos arquitetos e urbanistas franceses (STANEK, 2011, p.3).

Mais que discutir *no* urbano é preciso discutir *o* urbano, *com* o urbano. Em *Le droit à la ville* (1968), Lefebvre propõe que se encare as cidades não apenas como palco das ações dos indivíduos – palco trágico, dramático para alguns. Palco operístico,

---

<sup>9</sup>Ver também MARCUSE, Herbert. *O homem unidimensional: estudos da ideologia da sociedade industrial avançada*. São Paulo: EDIPRO, 2015 (1964). Especialmente os capítulos 1, 3 e 6.

<sup>10</sup> De autoria do poeta franco-romeno Pierre Béarn, essa expressão surge em seu popular poema *Couleurs d'usine* (1951): “*Au déboulé garçon pointe ton numéro/ Pour gagner ainsi le salaire/ D'un morne jour utilitaire/ Métro, boulot, bistro, mégots, dodo, zero*”. “O menino corre para perfurar seu cartão de ponto/ Para ganhar o salário/De um dia utilitário triste/Metro, trabalho, bistrô, bitucas, sono, zero” (a livre tradução é nossa).

picadeiro, para outros – mas como próprio objeto e objetivo dessas ações. Lançado alguns meses antes dos levantes de maio de 1968, em Paris, este livro serve aos estudantes e intelectuais como uma das “justificativas” teóricas para a ocupação das ruas. A capital francesa e suas passeatas, grafites, enfrentamentos e barricadas torna-se, então, um laboratório vivo onde as observações de Lefebvre alcançam a *práxis*. Ainda no calor dos acontecimentos Lefebvre escreve uma apaixonada análise desse momento histórico: *L'irruption de Nanterre au sommet (1968)*<sup>11</sup>

Então professor de Arquitetura na *École normale supérieure des Beaux-Arts* (ENSBA), em 1971 Lefebvre é jubilado, mas, intelectual *globe-trotter*, prossegue viajando, lecionando e participando de conferências. *Wanderjarh*. Além de visitar países da Europa, África e Ásia, esteve ele também na América do Sul. Entre novembro e dezembro de 1972 visita a Venezuela, Peru e Brasil (HESS, 1988, p.315). Sobre sua estadia nesse último, Marie Huchzermeyer (2016, p.56) destaca que

o impacto foi menos de Lefebvre sobre o Brasil e mais do Brasil sobre Lefebvre. Conforme ele visitava favelas, ele descobria o quão intensa era aquela vida social e como havia nela uma possibilidade para que o que ele chamava de “urbano” não fosse destruído. Isso me fez prestar atenção especificamente na forma como ele escreve e usa favelas em “A Produção do Espaço”, publicado em 1974. Lá ele escreve de forma bem diferente em relação aos seus livros anteriores, nos quais ele mencionava favelas e subúrbios como fazendo parte de forças de segregação, insinuando que eles fossem apenas “diferença induzida” (...) Eu acredito que ele estava especialmente interessado em tudo que é diferente no espaço urbano e em alguns tipos específicos dessa diferença.

Para Huchzermeyer Lefebvre é especialmente cativado pelas favelas brasileiras. Encaradas pelo filósofo como modelos de resistência a regimes repressivos como era a ditadura militar, vigente no Brasil.

Lefebvre está interessado em abertura política. E ele somente fez essa conexão com assentamentos informais após ter estado no Brasil. Em trabalhos anteriores a 1972, ele não menciona assentamentos informais e favelas dessa forma, mas depois dessa visita ele tece alguns comentários (HUTCHZERMEYER, 2016, p.56).

Paralelamente às viagens, o sociólogo septuagenário segue industrioso, produzindo artigos e livros. São dessa época os cinco volumes dedicados à análise do Estado, lançados entre 1976 e 1978: *De l'Etat I: L'Etat dans le monde moderne* (1976), *De l'Etat II: Théorie marxiste de l'Etat de Hegel à Mao* (1976), *De l'Etat III: Le mode*

---

<sup>11</sup>Publicado no Brasil como *A irrupção. A revolta dos jovens na sociedade industrial: causas e efeitos* (Documentos, 1968).

*de production étatique* (1977), *Del l'Etat IV: Les contradictions de l'Etat moderne* (1978), *La Révolution n'est plus ce qu'elle était*<sup>12</sup> (1978).

Em 1982 subscreve o *L'Appel des Cent*, um manifesto de repúdio à corrida armamentista nuclear assinada por 100 personalidades francesas – comunistas e não comunista. Em 20 de junho desse ano o grupo reúne 500.000 pessoas em Paris, na *Marche pour la Paix et le désarmement*. Como fez-se ouvir, o movimento permanece unido e em 1983 um novo *L'Appel des Cent* é lançado durante o *Fête de la Paix*, na cidade de Vincennes<sup>13</sup>. Em 1986 Henri Lefebvre torna-se patrono da revista esquerdista *M, Mensuel, Marxisme, Mouvement* e será seu diretor até o outono de 1987, quando, seguindo seu padrão de convicções pessoais inegociáveis, demite-se ao entrar em desacordo com a orientação teórica e política da publicação.

Três anos depois o velho filósofo enfim retira-se para casa de sua família em Navarrenx, nos Pirineus Atlânticos. As aventuras, enfim, cobram descanso. É nessa vila francesa que na noite de 28 para 29 de junho de 1991 morre Henri Lefebvre. Treze dias após completar 90 anos.

### Considerações finais

Hoje, mais de três décadas após seu desaparecimento, as múltiplas *démarches* de Lefebvre seguem atraindo o interesse de estudiosos dos mais variados campos. Restringindo-nos à nossa seara, a geografia, o pensamento marxista-lefebvreano passa a ser reconhecido e apropriado no início dos anos 1970, na eclosão do que convencionou-se chamar de Geografia Radical ou Geografia Crítica (CLAVAL, 2006, p.114). É quando suas concepções espaciais saem das notas de rodapé para tornarem-se referências basilares para um considerável número de geógrafos.

Mesmo que apenas uma pequena parcela de sua vasta obra tenha sido editada no Brasil<sup>14</sup>, também aqui as reflexões lefebvreanas encontram terreno fértil no solo acadêmico. Atualmente encontramos relevantes grupos de discussão e pesquisa dedicados a esse autor em instituições como USP, UFRN, UFMG e UERJ.

Humanista inconformado, intelectual militante, teórico radical e acima de tudo um observador arguto do século XX: eis o Lefebvre que surge de forma resumida nessa breve explanação bio-bibliográfica.

---

<sup>12</sup> Escrito com Catherine Régulier.

<sup>13</sup> *Fond de L'Appel des cent pour la paix: 1982-2000*. Disponível em: [https://archives.seinesaintdenis.fr/pages/dl?f=customer\\_2%2Fblog%2F285j\\_assoc\\_appel\\_des\\_cent.pdf](https://archives.seinesaintdenis.fr/pages/dl?f=customer_2%2Fblog%2F285j_assoc_appel_des_cent.pdf) Acesso em 21 out. 2019.

<sup>14</sup> Remi Hess (1988, pp.327-345) nos informa que Lefebvre produziu 70 livros e cerca de 177 artigos (“principaux articles”). Stuart Elden (2016, p.10), alerta, porém, que essa é uma contagem incerta, visto que durante a ocupação nazista da França, entre 1940 e 1944, seus livros são proscritos e alguns de primeiros escritos são queimados e nunca reeditados, permanecendo em eterno oblívio.

Ao revelar o papel do espaço na produção e reprodução das relações sociais, que, por sua vez, produzem e reproduzem a própria sociedade, Lefebvre ultrapassa o próprio Karl Marx, que em suas explicações pouco se ateu às particularidades espaciais (LEFEBVRE, 2000 [1974], pp.122,123). “A exceção de alguns vultos solitários, tais como Walter Benjamim e Henri Lefebvre, o marxismo ocidental do século XX manteve o mesmo silêncio estratégico com relação à espacialidade do capitalismo”, atesta-nos Derek Gregory (1996, p.104. a tradução é nossa). Por seu turno, José de Souza Martins relativiza a questão ao assinalar que a espacialidade dos processos sociais e históricos em Marx não é tão densamente explorada como em Lefebvre, mas não deixa de estar reiteradamente sugerida nos escritos marxistas (MARTINS, 1996, p.18).

Ponto pacífico é que Lefebvre surge como o responsável por reavaliar, a partir do materialismo histórico e dialético, o papel do espaço nas dinâmicas sociais. Essas até então francamente calcadas nas temporalidades adjacentes ao capitalismo. Trata-se de um feito invulgar. Não é à toa, nem por acaso, que as considerações lefebvreanas são ferramentas epistemológicas de largo uso na decifração desse conceito solar da geografia<sup>15</sup>.

## Referências

- BÉARN, P. *Coleurs d'usine*. Paris: Seghers, 1951.
- CIORAM, E. M. *História e utopia*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994 [1960].
- CLAVAL, P. *História da geografia*. Lisboa: Edições 70, 2006.
- COSTA, W. M. da. *Geografia política e geopolítica*. São Paulo: Edusp, 1991.
- DAVID, H. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Loyola, 2008 [1989].
- DUVIGNAUD, J *Festas e civilizações*. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará/ Tempo Brasileiro, 1983.
- ELDEN, S Introduction: a study of productive tensions. In: LEFEBVRE, H. *Metaphilosophy*. London: Verso, 2016. pp.7-20.
- FERNANDES, U; FERNANDES, R. Guy Debord e a internacional situacionista: amparo à Geografia na crítica à cidade moderna. In: *Caminhos de Geografia*. Uberlândia, UFU, v.18, n. 62 Junho/2017 p. 104–113. Disponível em:

---

<sup>15</sup>Em nosso país a apropriação do pensamento de Henri Lefebvre é particularmente expressiva no âmbito das ciências sociais e humanas. Muito embora grande parte de suas *autopsis* espaciais seja direcionada ao universo da arquitetura, a influência lefebvreana no debate arquitetural nacional mostra-se diminuto. É o que aponta o levantamento quantitativo/qualitativo levado a cabo por Medrano *et. alii* (2017) e que teve como universo de pesquisa os artigos acadêmicos publicados em nosso país entre 2008 e 2017.

<http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdeGeografia/article/view/36252> Acesso em: 28 jan.2022.

*Fond de L'Appel des cent pour la paix: 1982-2000*. Disponível em:

[https://archives.seinesaintdenis.fr/pages/dl?f=customer\\_2%2Fblog%2F285j\\_assoc\\_appel\\_de\\_s\\_cent.pdf](https://archives.seinesaintdenis.fr/pages/dl?f=customer_2%2Fblog%2F285j_assoc_appel_de_s_cent.pdf) Acesso em 28 jan. 2022.

GREGORY, D. *Geographical Imaginations*. Oxford: Blackwell, 1996.

GUTIÉRREZ, E. M. Breve biografía y bibliografía de Henri Lefebvre. In: *Espectros de Lefebvre*. Madrid: Urban, NS02, Setembro 2011-Fevereiro 2012. pp.7-14.

GUY, D. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013 [1967].

HESS, R. *Henri Lefebvre et l'aventure du siècle*. Paris: Métailié, 1988.

HUCHZERMAYER, M. Por uma leitura lefébvriana da periferia. Entrevista concedida a Erick Omena. In: *E-metropolis*, Rio de Janeiro, n. 25, ano 7, 2016, pp. 59-54.

JAPPE, A. *Guy Debord*. Lisboa: Antígona, 2008.

LEFEBVRE, H. A Internacional Situacionista: entrevista concedida à Kristin Ross. In: COHN, Sérgio; PIMENTA, Heyk (orgs.). *Maio 68*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2018 [1983].

LEFEBVRE, H. *A revolução urbana*. Belo Horizonte: UFMG, 2002 [1970].

LEFEBVRE, H. Being a communist. In: *Key Writings*. London: Continuum, 2003a [1959]. pp. 231-237.

LEFEBVRE, H. *Critique de la vie quotidienne I: Introduction*. Paris: Grasset, 1947.

LEFEBVRE, H. *De lo rural a lo urbano*. Barcelona: Península, 1978 [1970].

LEFEBVRE, H. *Hegel, Marx, Nietzsche*. México D.F: Siglo Vientiuno, 1988 [1975].

LEFEBVRE, H. *La production de l'espace*. Paris: Anthropos, 2000 [1974].

LEFEBVRE, H. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2001 [1968].

LEFEBVRE, H. *O Vale de Canpam: estudo de sociologia rural*. São Paulo: EDUSP, 2011 [1963].

LEFEBVRE, H. Retrospections. In: *Key Writings*. London: Continuum, 2003b [1946]. pp. 6-13.

MARCUSE, H. *O homem unidimensional: estudos da ideologia da sociedade industrial avançada*. São Paulo: EDIPRO, 2015 (1964).

MARTINS, J. S. As temporalidades da história na dialética de Lefebvre. In: MARTINS, J. S. (org.). *Henri Lefebvre e o retorno à dialética*. São Paulo: Hucitec, 1996, pp. 13-23.

MEDRANO, L. S. *et alii*. A presença de Henri Lefebvre no debate acadêmico contemporâneo da arquitetura. In: *PARC Pesquisa em Arquitetura e Construção*, Campinas, SP, v. 8, n. 3, p. 170-180, set. 2017. ISSN 1980-6809.

MERREFIELD, A. *Henri Lefebvre: a critical introduction*. New York: Taylor & Francis Group, 2006.

QUATTROCCHI, A; NAIRM, Tom. *O começo do fim: França, Maio de 68*. Rio de Janeiro: Record, 1998.

STANEK, L. *Henri Lefebvre on space: architecture, urban research, and the production of theory*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2011.

TREBITSCH, M. Preface. In: LEFEBVRE, Henri. *Critique of Everyday Life. Volume 1*. London: Verso, 1991. pp.9-28.

WILLIAMS, R. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989 [1973].

---

Rodrigo Fernandes

Bacharel, mestre e doutor em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e pesquisador do LEPPAGE - Laboratório de Estudos em Políticas de Paisagem.

Endereço postal: Rua Padre Francisco Lanna, 136, apto.703, bloco A, Vila Isabel – Rio de Janeiro – RJ. Cep: 20551090.

E-mail: rodrigogeo77@gmail.com

ORCID: 0000-0003-0891-6374

---

Recebido para publicação em fevereiro de 2022.  
Aprovado para publicação em março de 2022.